

**OS RIOS DE VALDIR SARUBBI:
ENTRE A MEMÓRIA E A IDENTIDADE AMAZÔNICA BRASILEIRA**

DOI: <https://doi.org/10.33871/23580437.2023.10.01.67-83>

*Francisco Pereira Smith Júnior¹
Mariana Tereza Athayde Bordallo da Silva²*

RESUMO: Este artigo tem por objetivo apresentar um estudo das memórias amazônicas em algumas obras do artista plástico Valdir Sarubbi. Para isso, explorar-se-á os dados de suas produções, lembranças do artista no período em que ele ainda vivia nas cidades de Bragança e Belém do Pará, desde sua infância até sua fase mais adulta. Para este estudo foram utilizados os estudos de Halbwachs (2004), Loureiro (2007) e os depoimentos do próprio artista que aparecem no livro de Rosana Bitar (2002); e, a carta escrita pelo artista a seus primos.

Palavras-chave: memória, identidade, arte, Amazônia.

**VALDIR SARUBBI'S RIVERS:
BETWEEN MEMORY AND BRAZILIAN AMAZONIAN IDENTITY**

ABSTRACT: This article aims to present a study of the Amazonian memories in some of the works by the artist Valdir Sarubbi. For this, it will explore the data of his productions, memories of the artist in the period when he still lived in the cities of Bragança and Belém do Pará, from his childhood to his more adult phase. For this study we have used the studies of Halbwachs (2004), Loureiro (2007), and the statements of the artist himself that appear in the book by Rosana Bitar (2002); and the letter written by the artist to his cousins.

Keywords: memory, identity, art, Amazon.

**LOS RÍOS DE VALDIR SARUBBI:
ENTRE LA MEMORIA Y LA IDENTIDAD AMAZÓNICA BRASILEÑA**

RESUMEN: Este artículo pretende presentar un estudio de las memorias amazónicas en algunas

¹ Doutor em Ciências pela Universidade Federal do Pará (PPGDSTU/NAEA/UFPA) (2008/2012). Realizou estágio pós-doutoral em Estudos Comparados na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (PPGL/UNIOESTE) (2021/2021), linha de pesquisa: Linguagem Literária e Interfaces sociais: Estudos Comparados. Integrante do Programa Nacional de Cooperação Acadêmica (Procad-Amazônia) (UFPA/UFOPA/UNIOESTE) como bolsista CNPQ. Realizou estágio aperfeiçoamento na Universidade de Lisboa (UL) como bolsista SANTANDER (2016/2016). Ex-bolsista FAPESPA (Fundação do Amparo à pesquisa do Estado do Pará) (2010-2012). Mestre em Letras: Estudos Linguísticos e Estudos Literários pela Universidade Federal do Pará (UFPA) (2004). Especialista em História do Brasil: Diversidade Cultural pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC/MG) (2012). Orcid.org/0000-0002-6336-9249, e-mail: fsmith@ufpa.br

² Graduação: Letras e Artes - Licenciatura em Inglês pela UFPA, especialização: Informática Educativa (UFRGS/PROINFO/UFPA/SEDUC); e Sociologia e Educação Ambiental (UEPA). Professora ad-4 da SEDUC/PA, atualmente, URE 01 Bragança/PA. Mestre em Linguagens e Saberes na Amazônia pela Universidade Federal do Pará, Campus Bragança. <https://orcid.org/0000-0003-2557-7220>. bordallo@globocom

obras del artista plástico Valdir Sarubbi. Para ello, exploraremos los datos de sus producciones, recuerdos del artista en el período en que aún vivía en las ciudades de Bragança y Belém do Pará, desde su infancia hasta su fase más adulta. Para este estudio se utilizaron los estudios de Halbwachs (2004), Loureiro (2007) y las declaraciones del propio artista que aparecen en el libro de Rosana Bitar (2002); y la carta escrita por el artista a sus primos.

Palabras clave: memoria, identidad, arte, Amazonía.

Introdução

Sou um homem que nasceu no interior do Brasil e dentro de mim existe muito do que vi na infância e do que vivi naquela época e naquele lugar. O artista é um cronista do seu tempo e do seu lugar e para isso ele se vale de todos os elementos que estão à sua disposição. Fazendo arte com esses elementos (sofisticados, nobres ou primitivos) e tentando vários objetivos (sendo os mais importantes deles a comunicação), o artista hoje retrata sua época e seu lugar das maneiras mais variadas (SARUBBI apud BITAR, 2002, p. 72).

Neste artigo será feita uma leitura memorialística de algumas obras do artista plástico amazônida Valdir Sarubbi, ressaltando, principalmente, os conceitos apresentados no livro de Rosana Bitar (2002, p. 72-77) e suas declarações na carta aos primos que foi endereçada pelo próprio artista para uma das autoras deste artigo, Mariana Bordallo. Bitar (2002) conta que estava em contato com Sarubbi havia dois anos, quando recebeu a notícia de sua morte. A princípio, achou que não conseguiria continuar com seu livro, porém, “era necessário continuar a escrever „com energia e generosidade de lágrimas”” (BALZAC apud BITAR, 2002, p. 15). Apesar de longe do ideal que desejara, continuou com o trabalho que seria o reconhecimento à obra de um artista que *posicionou a arte paraense no restrito universo da arte brasileira e internacinal* (BITAR, 2002, p. 16). No lançamento do livro, a autora declarou: *Sarubbi foi um grande desenhista e um pensador. Por esta razão, neste livro eu emudeci para que sua voz falasse mais alto*. Em nota, a autora explica que os depoimentos que compõem o capítulo *Meditações sarubbianas* foram colhidos em conversas pessoais, registros em vídeo, projetos, jornais, revistas, catálogos, entrevistas, cartas etc. (BITAR, 2002, p. 79). Na carta que Sarubbi escreveu aos primos, onde expõe seus sentimentos em relação à casa dos avós, ele percebe que a casa é o vínculo com seu passado, sua história, seus familiares, bem como a história da própria cidade.

Por meio das entrevistas, dos conceitos coletados por Rosana Bitar e da carta, tentaremos relacionar as memórias com a arte e de que forma sentimentos se transformaram em imagens.

1. Esse rio é minha rua...

A obra de Sarubbi não se enquadra em um estilo particular, segundo o que estabelece a academia. “Nunca me interessei por modismos ou por solicitações de mídia ou mercado. Várias vezes, fui preterido exatamente por ser fiel a meus princípios” (SARUBBI apud BITAR, 2002, p. 73). Ele tem um pouco de todos, mas consegue ser único na maneira de apresentar suas ideias.

Em Sarubbi os objetos aparecem decompostos, desconstruídos como em Picasso ou deslocados do contexto original, assumindo novo significado para transmitir nova mensagem. É como se ele dissesse: “essas formas fazem parte da minha história pessoal, estão ligadas à minha memória e à minha origem”. Poderíamos então acrescentar, “é a conversão semiótica de um objeto banal em arte” (LOUREIRO, 2007, p. 19). As formas, ou suas partes, aparecem flutuando em frente a retângulos escuros que funcionam como se fosse a porta de entrada para os mistérios da memória. Algumas dessas formas estão, como num sonho, envoltas em névoa. “Qualquer grande imagem tem um fundo onírico insondável e é sobre esse fundo onírico que o passado pessoal põe cores particulares”

(BACHELARD, 1978, p. 226). Há alguma coisa de onírico em seus trabalhos, sem chegar a ser surreal como em Dali. Sobre esse “fundo onírico” é que Sarubbi revela os símbolos que se manifestam em seu psiquismo mais profundo. Em alguns momentos da obra de Sarubbi podemos perceber que vida e a obra se confundem. Pensando na experiência vivida durante a cirurgia cardíaca, o rio que o acompanha por toda obra, num nível de consciência mais profundo, parece nos remeter ao rio Estige, aquele que separa o mundo dos vivos do mundo dos mortos da mitologia grega, e as canoas em destaque, lembram o barco da travessia guiado por Caronte. Sem dúvida há um arde mistério em suas representações.

Quando um líquido se valoriza, aparenta-se a um líquido orgânico. Há, portanto, uma poética do sangue. É uma poética do drama e da dor, pois o sangue nunca é feliz (BACHELARD, 1998, p. 63).

O rio aparece como se estivesse em destaque dentro de suas memórias. Observe a figura 1, o que primeiro se vê quando se abre a porta das lembranças naquele retângulo escuro: é o rio. Pode ser o rio Caeté, o rio do Lontra, o rio Amazonas, não importa o nome. É o rio que liga, é o que dá vida como o sangue que corre nas veias do artista, tal a ligação dele com o rio. De fato, esse sangue, o sangue-rio, representa o drama e a dor de uma cirurgia no coração para que o sangue pudesse voltar a fluir e lhe trazer vida. Mas, é também o líquido dos rios de sua infância que guardam as lembranças felizes de suas relações afetivas no passado.

Nas obras de Sarubbi percebemos que a Amazônia se impõe. Além dos aspectos afetivos e biográficos, podemos destacar tanto os traços culturais amazônicos, quanto os de sua cidade natal, Bragança. Vemos as fitas da Marujada e os brinquedos de miriti do Círio de Nazaré³. O rio, os desenhos marajoaras, a canoa, a tanga, o remo, até mesmo, o reflexo e as cores barrentas do rio, denunciam a origem e a ligação que ele mantém com sua terra, sua gente, sua cultura, suas tradições. Como diz Loureiro (2001), é o véu dos mitos e da cultura seinterpondo entre o ser humano e o mundo que ele vê, ditando uma estética particular, uma estética amazônica. Há uma sutileza, uma delicadeza na paleta de cores que ele emprega. Ainda que use cores fortes: azul, vermelho ou vinho, há quase sempre uma cor neutra para equilibrar e dar harmonia. Os traços são precisos e bem definidos, mesmo nas imagens abstratas com suas rasgaduras reveladoras e suas frestas de luz. Em alguns de seus últimos trabalhos, parece que ele quer penetrar no âmago das coisas, quase como que a fim de descobrir a essência, a trama ou, até mesmo, as estruturas moleculares dos objetos. Não tendo a paisagem ou os objetos de sua memória presentes, o autor cria uma imagem plástica no lugar de uma imagem sonora (palavra), que nos remete ao conceito de Amazônia. Por essa razão, ao vermos esses símbolos em seus trabalhos, compreendemos queo artista tem dentro de si a Região Amazônica.

De fato, percebe-se que há um ensaio por sobre a feitura de cada trabalho, uma reflexão que é como uma metáfora de suas memórias, suas lembranças, seus pensamentos. Valdir desenvolveu um novo olhar para coisas que faziam parte de seu cotidiano. “O olho é um descobridor de mundos” (LOUREIRO, 2001, p. 137). É a capacidade de estranhamento diante de coisas comuns que expande o significado de tal símbolo. Deslocando o objeto do antigo contexto, torna-o surpreendente ao invés de banal.

Desejo que o espectador sinta a minha obra, fazendo o possível para nela entrar e descobrir, na forma geométrica simples, um maravilhoso de imagens que parecem ser repetidas, mas, no entanto, se renovam a cada repetição, que mudam de forma a

³ O Círio de Nazaré é uma festividade religiosa que ocorre na cidade de Belém durante o mês de outubro há mais de 200 anos. No segundo domingo de outubro, uma procissão percorre um trajeto de 3,6 km levando a virgem em uma berlinda que é seguida por milhares de devotos e promesseiros desde a Igreja da Sé até a Basílica Santuário onde é realizada missa. A festa tem o aspecto religioso (shows gospel, missas, terços, procissões, etc.) e o aspecto profano com parque de diversões e barraquinhas de vendas de diversos produtos. Dentre esses produtos, os mais tradicionais são os brinquedos de miriti.

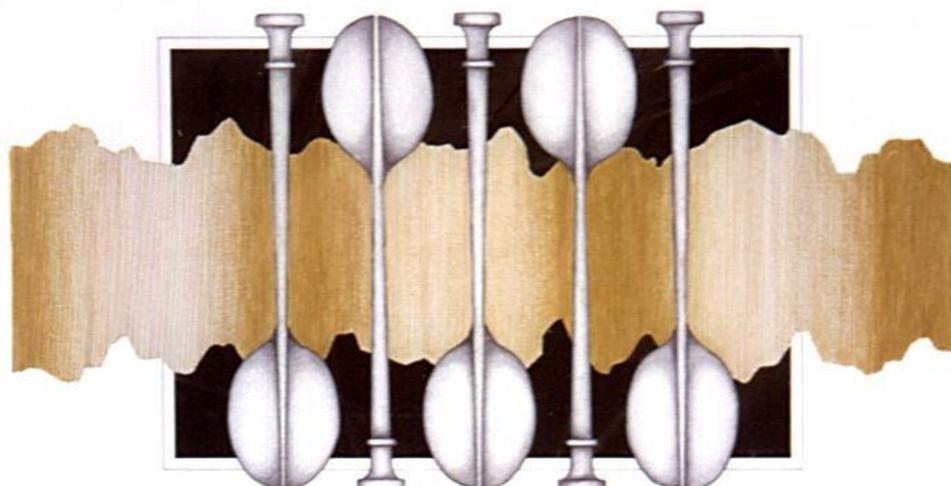
cada ângulo de que é olhado, que se reforma e se reformula a cada ampliação ou redução do mesmo (SARUBBI apud BITAR, 2002, p. 34).

Em uma exposição com várias obras, podemos captar o processo mental na elaboração de cada trabalho, “Ao final, o espectador percorre o mesmo caminho que o artista percorreu durante o processo de criação da obra” (BITAR, 2002, p. 34), e perceber a evolução progressiva do tema expresso em cada imagem. Monika Von Koss se referiu a Valdir como uma consciência holográfica, ou seja, aquela que é capaz de ver o mundo de forma de forma integral, não fragmentada. Ver o todo nas partes e as partes no todo. Na obra do artista estão contidas todas as suas memórias. Algumas podem ser identificadas, outras não, mas todas estão lá.

O olhar não se confina no que vê. O olhar, através do que vê, vê o que não vê. Isto é, contempla uma realidade visual que ultrapassa os sentidos práticos e penetra numa outra margem do real (LOUREIRO, 2001, p. 122-123).

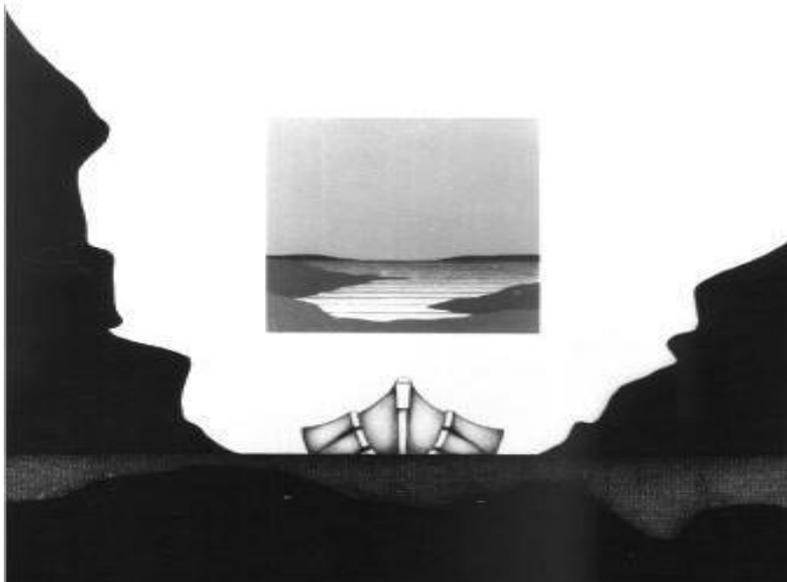
Ao ver as coisas de uma forma diferente, Valdir inspirava a ressignificação de imagens já conhecidas, e assim, ele conseguia não só se surpreender, mas, surpreender o observador de seus trabalhos com uma lógica diferente. Ao proporcionar uma nova ambiência e um novo significado ao objeto, ele amplia a mensagem que quer transmitir. Valdir conseguia não só olhar as coisas antigas sob uma nova perspectiva, ele conseguia surpreender-se com o óbvio e manifestar esse estranhamento em sua obra.

Figura 1 – Este rio é minha rua – Título 2



Fonte: Arquivotônico pessoal

Figura 2 – Este rio é minha rua – *Título 3*



Fonte: <http://www.art-bonobo.com/valdirsarubbi/02-sabi.htm>

Figura 3 – Meditações labirínticas – *Título 2*



Fonte: <http://www.art-bonobo.com/valdirsarubbi/01-sabi.htm>

Figura 4 – Outras memórias – *Título 2*



Fonte: Arquivo eletrônico parcial

Figura 5 – *Antiguos dueños de las flechas*– *Título 2*



Fonte: Arquivo eletrônico pessoal

2. Memórias de infância – cultura e paisagem

Figura 6 – Orla da cidade de Bragança – rio Caeté



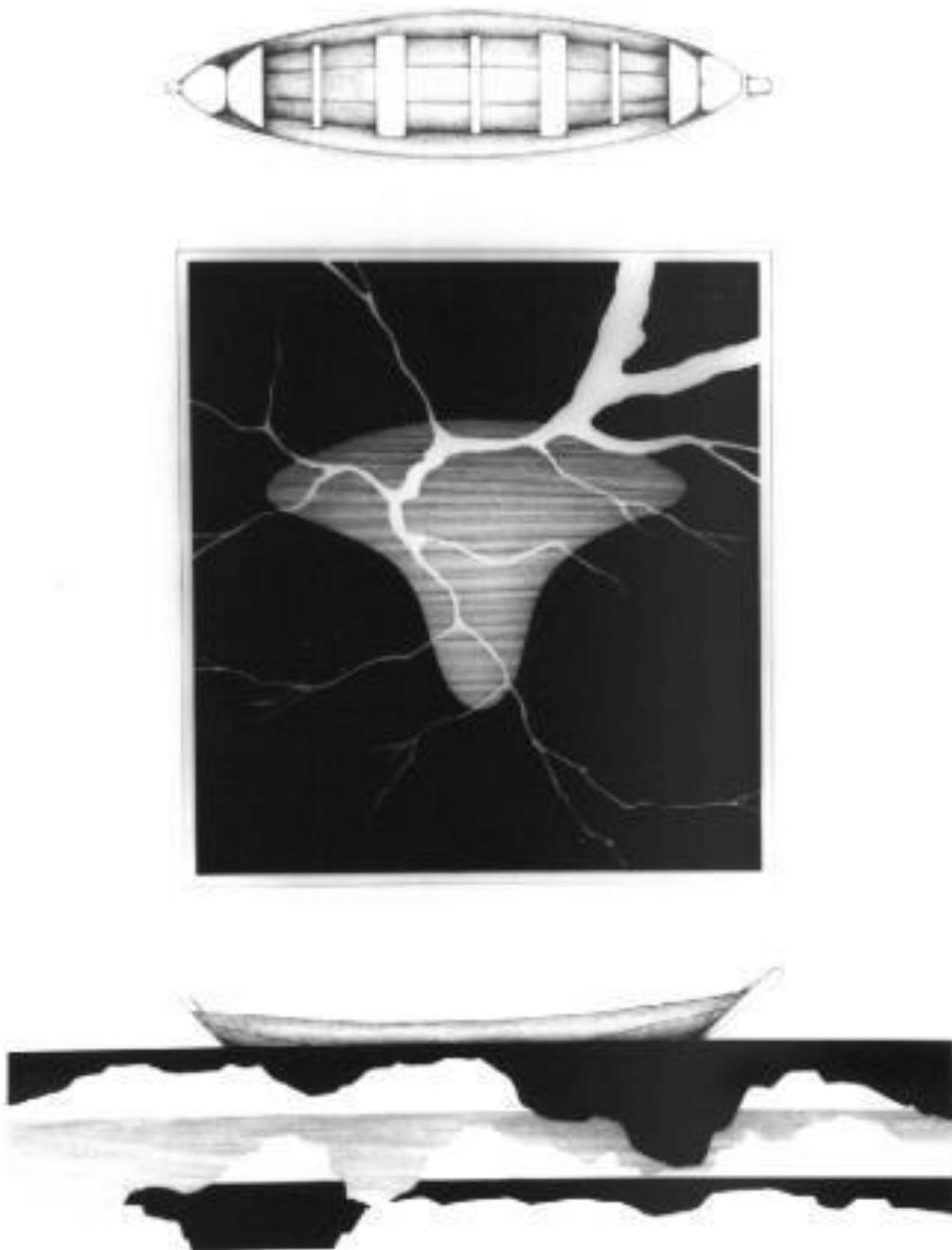
Fonte: Arquivo eletrônico pessoal

Figura 7 – Rio Chumucuí



Fonte: Arquivo eletrônico pessoal

Figura 8 – Este rio é minha rua – *Título 4* desenho (nanquim e lápis s/ papel) – 0,70m X 0,50m



Fonte: <http://www.art-bonobo.com/valdirsarubbi/02-sabi.htm>

A tríade cabocla, indígena e líquida (rio) se apresenta de forma constante nas obras do autor, reconstruindo a memória que o liga esteticamente ao universo da infância, bem como, às suas raízes culturais. Segundo Bitar, Sarubbi afirma:

Nasci em uma pequena cidade do interior da Amazônia onde convivi com rios, animais, florestas e costumes indígenas de uma Amazônia intocada, que deixaram em mim conteúdos afetivos que seriam importantes para minha expressão artística

anos depois (SARUBBI apud BITAR, 2002, p. 19).

A realidade do mundo exterior era para Sarubbi a realidade de seu mundo interior e era esse seu entendimento da vida, “O reflexo desta postura se encontra ao longo de todo seu trabalho, no qual nitidamente detecta-se uma vivência e não somente convivência, sem “regionalismos e pretensas bandeiras ecológicas” (BITAR, 2002, p. 29). Sarubbi criou uma nova forma de “pensar e falar” da Amazônia, sem resvalar para o óbvio da simples representação paisagística e cultural, nem para as denúncias de degradação ambiental. Ele trouxe à tona, em suas meditações, aquilo que viveu e que ficou resgistrado por ter significado afetivo. Ao transformar suas memórias em arte, foi reconstruindo, ressignificando, criando novas imagens para símbolos antigos.

As duas referências apresentadas nas figuras 6 e 7, a orla do rio Caeté e o rio Chumucuí, são expoentes de recordações de espaços de vivência do passado, onde se encontram emaranhados de reminiscências da infância, da juventude, dos amigos e da influência do cotidiano do rio nas famílias e nas pessoas individualmente.

À margem do Caité⁴ existe uma grande ponte de madeira [8]⁵, em frente ao mercado da cidade. Pela manhã cedo, entre 5 e 7 horas, este local é o ponto de reunião predileto de todas as classes sociais que aí comparecem para feira, onde os produtos nativos especialmente os do mar – peixe fresco e seco, camarão fresco e seco, caranguejo e sururu – são vendidos a quem mais der (BORDALLO DA SILVA, 1981, p. 15).

A orla do rio é os olhos da cidade para a vastidão. Olhando ali da beira não se pensa no mundo que existe fora daquela região, o que se vê é uma janela aberta para o mundo de floresta infinita. Olhando o rio, contemplando a paisagem, aguardando as canoas que vêm vender o peixe, as notícias que chegam das praias, os parentes que regressam e o compromisso assumido, a mente divaga e os pensamentos seguem os caminhos contornados pelo rio, pelos furos, pelos braços e igarapés que ali desaguam.

São muitos os caminhos que os rios percorrem. O rio guia os nossos pensamentos e cria paisagens ao longo dos trajetos que tomamos pela vida. O rio inspira. O rio desperta recordações e emoções vividas. Sarubbi era vulnerável a essa influência do rio e percebeu que o rio trazia para o presente algo que lhe ficou no passado. A segunda fase do artista *Este rio é minha rua* é a impotência de tornar a viver o passado que o faz reproduzi-lo, numa tentativa de ter concretamente algo que já vive só nas lembranças.

Na compreensão do crítico Olívio Tavares de Araújo, a vivência amazônica de Sarubbi não foi a de vivenciar uma realidade dramática. “No caso de Sarubbi, esse tempo-espaço amazônico se impôs mais por sua largueza e por seu continuum ininterrupto que por seus aspectos dramáticos. Sarubbi não é o artista da porroca, do embate das águas do rio com as do mar, nem o artista da floresta sombria e impenetrável; é o artista dos remansos, dos igarapés, apenas protegidos por frondes elianas [...]” (BITAR, 2002, p.29).

⁴ O autor adota essa grafia para a palavra Caeté

⁵ Observação do autor sobre a ponte (trapiche) que anteriormente era de madeira, mas que, na época em que o livro foi escrito, já havia sido substituída por uma de cimento.

Esse sentimento calmo, refrescante e tranquilo o leva até o rio Lontra, afluente do igarapé Chumucuí (Figura 7) que banha o sítio da infância de Sarubbi e personagem constante em sua vida. Seja porque fizesse parte do cotidiano da família, seja pela proibição em banhar-se nele, seja pela mesma contemplação que causa o rio Caeté e todos os outros. Bachelard (1978, p. 201) diz que: “Ao devaneio pertencem os valores que marcam o homem sua profundidade”. Sarubbi, com uma personalidade sensível e contemplativa, realizou uma obra que nos leva a percorrer os caminhos que os rios de sua infância percorriam em seus devaneios. Desta forma, podemos perceber que são muitos os caminhos da imaginação e da saudade que os rios de Sarubbi atravessam.

Em Bitar (2002, p. 28), Sarubbi fala de sua relação com a água e conseqüentemente com o rio: “Minha relação com o elemento água fez com que o rio se tornasse o grande assunto do meu trabalho”. Na figura 8 há um rio de sonho, envolto em nuvens, há também um grande rio e seus afluentes adornando uma tanga indígena que bem pode representar o coração e suas artérias. É sobre suas memórias, suas experiências de vida que o artista coloca as *cores particulares* de suas pinturas.

Eu não quero apenas expor o meu desenho como um elemento único em uma parede nua. Quero sim que o espectador ao olhá-lo, participe de toda sua estrutura, que não é apenas uma forma colorida para ser vista de relance. Desejo que o espectador sinta a minha obra, fazendo o possível para nela entrar e descobrir, na forma geométrica simples, um maravilhoso de imagens que parecem ser repetidas, mas no entanto se renovam a cada repetição, que mudam de forma a cada ângulo de que é olhado, que se reforma e se reformula a cada ampliação ou redução do mesmo. No fim, o espectador pode ter certeza que percorreu o mesmo caminho que o artista no momento da criação de sua obra [...] (SARUBBI apud BITAR, 2002, p. 34).

Dessa forma, em Sarubbi, podemos encontrar diversas representações de rio. Entretanto, se observarmos, é sempre o mesmo rio retratado, note as figuras 2 e 8. A repetição dos temas, com diversos formatos nos leva a imaginar uma tentativa de elaborar pensamentos, sentimentos e emoções. Isso permite que o observador acompanhe o desenvolvimento da ideia do artista em cada trabalho, fazendo o caminho traçado por ele durante a execução da obra.

Quero continuar desenvolvendo meu trabalho em Artes Plásticas e passar para a comunidade a coerência de meu processo criativo, que vem do labirinto marajoara, passa pelo rio, por raízes e troncos, abstrai-se e continua amazônico (BITAR, 2002, p. 72).

O artista se identifica como alguém que nasceu na Amazônia e que teve uma relação de afetividade com essa terra e que conviveu com rios, animais, florestas, herança indígena etc., na sua vida diária familiar. Ele se refere a *uma Amazônia intocada*, mas, a Região Amazônica jamais foi intocada. Quando os primeiros colonizadores chegaram à região onde hoje é a cidade de Bragança, eles foram assentados próximos a uma aldeia indígena:

A população indígena era constituída pelos caités da poderosa nação dos Tupinambás e posteriormente também pelos apotianga [Leal, Dr. Antônio Henrique]. Ainda hoje é um dos bairros da cidade – a Aldeia – que, àquele tempo, era por eles ocupada e separada das habitações dos colonos por um riacho (BORDALLO DA SILVA, 1981, p. 11).

O cotidiano da vida em Bragança revela muitos traços da cultura indígena que ainda se fazem presentes: hábitos, costumes, crenças, objetos de trabalho, artesanatos, alimentação, etc. Valdir viveu seus primeiros anos, junto à família, nesse ambiente de influência de cultura indígena que, como ele mesmo diz em Bitar (2002, p. 19): “deixaram em mim conteúdos afetivos que seriam importantes para minha expressão artística anos depois”. A simbologia da canoa é marcante (Figura 8). Traz as lembranças da cidade pequena do interior do Pará: “do tempo da minha infância, das brincadeiras, de empinar papagaio, de passarinhar” (BITAR, 2002, p. 75) e são essas referências que o identificam como homem amazônico.

Bachelard (1978, p. 191) diz que a “alegria de ler é o reflexo da alegria de escrever, como se o leitor fosse o fantasma do escritor”, e que “a imagem poética é uma emergência da linguagem, está sempre um pouco acima da linguagem significante”. Seguindo esse pensamento, podemos supor que a contemplação da natureza é como a leitura de uma poesia, como se escritor e leitor, ou observador e pintor, fossem igualmente os dois lados da mesma moeda. No caso de Sarubbi, a linguagem é a linguagem pictórica, o que não a torna menos necessária. Pensar na natureza como uma poesia lembra Santo Agostinho quando afirma que por meio da contemplação da natureza o ser humano pode chegar à iluminação da verdade, sendo a Bíblia a palavra de Deus e a natureza, as imagens desse livro. Sarubbi reinterpreta o que contempla, resignifica seus símbolos ecológicos e culturais. Traz o rio, o barranco das margens e a bacia hidrográfica, o barco e a tanga indígenas e lhes dá o *status* de recordação, lembranças afetivas de seu passado.

Depois de Bragança, Sarubbi viveu em Belém onde suas origens se ampliaram para a Região Amazônica. Quando Sarubbi foi convidado para confeccionar o painel da estação da Barra Funda no metrô de São Paulo, ele deixou falar mais alto sua regionalidade e retornou aos seus trabalhos iniciais com desenhos marajoaras. Ele queria evidenciar as raízes amazônicas em uma obra que seria vista pelas inúmeras pessoas que passam diariamente por aquela estação. Em Bitar (2002, p. 24), Sarubbi confessa essa intenção “Para realizar este painel, resolvi retomar o início do meu trabalho (Meditação labiríntica), como forma de perenizar minhas raízes amazônicas através desta obra, que ficará no mínimo cem anos num espaço público da maior cidade brasileira”.

Sua obra se transformou em um registro visual de suas origens, por meio das imagens inspiradas no desenho marajoara, “que remetia e ainda hoje remete à visão aérea do grande fluxo dos grandes rios, coincidentemente sugeria e sugere a imagem da malha urbana” (BITAR, 2002, p. 24). Assim, o artista evoca lembranças que fazem parte da memória coletiva ligada à Região Amazônica: o desenho marajoara e o rio.

Considerações Finais

Manipular linguagens artísticas é, antes de mais nada, permitir um encontro consigo mesmo, dar significado à própria existência (SARUBBI apud BITAR, 2002, p. 24).

Sarubbi acreditava no uso da arte como instrumento de autoconhecimento, como estratégia para o autoencontro, o equilíbrio e a harmonia interiores. Para o artista, a arte permite que se possa expressar as emoções e estabelecer relações afetivas enriquecedoras.

Loureiro (2001, p. 86-87) considerou arte e estética como produtos da “base espiritual, mental e afetiva de cada povo”, portanto, da cultura que os instituiu. Muitos outros autores deram conceitos diversos para a arte que, dependendo do período histórico e contexto social em que se observa, formularam considerações diferentes.

Entretanto, por sobre todas essas visões sobre arte, olhando sob o ponto de vista dos que criam, de um modo geral, suas obras registram suas passagens pela vida e sobre a terra. Podemos perceber isso nos trabalhos de grafiteiros, sejam artistas ou meros pichadores, o objetivo é registrar uma presença. É uma forma de dizer: - Eu estive aqui. Se essa manifestação será uma obra de arte, depende da sensibilidade e da habilidade do artista em transmitir informações, do suporte utilizado, dentre outras coisas.

Sarubbi, com sua arte carregada de simbologia local, não só realizou o registro de sua presença no mundo. Ele refletiu sobre si mesmo, amadureceu, reorganizou suas memórias, acrescentou o fato de ter nascido “na pequena cidade do interior da Amazônia” e levou-a para o mundo.

Podemos observar nas primeiras fases de sua obra a simetria e os detalhes que nos remetem até a casa azulejada de Bragança onde ele viveu – são as memórias tecendo arte. E, assim como no período inicial de seus trabalhos, na série *Antiguos dueños de las flechas*, as repetições mostram as divagações na mente do autor até o ponto de quase podermos acompanhar o processo de criação, com temas sempre ligados à memória, suas origens e sua cultura.

Loureiro (2007) afirma: “Creio que não será exagero dizer que a simbolização começa com os olhos” (2007, p. 13), portanto, foi por meio do que o menino Sarubbi via na natureza do sítio, na pequena cidade à beira do rio e na estética da casa de seus avós, dentre outras coisas, que seu simbolismo foi formado. Um simbolismo cheio de afetividade como devia ser aquele momento da vida.

Os olhos que viam uma natureza farta de rios, igarapés, árvores imensas, assim como buritizeiros, bacurizeiros etc., que viam os azulejos portugueses, as enormes janelas de vidro por onde entrava a luz e se via a chuva, as ripas do telhado onde não existia forro, os desenhos criativos dos azulejos hidráulicos do chão da entrada e do corredor que levava à cozinha, esses olhos percebiam a singularidade, a beleza, a simetria e associavam essas imagens ao momento vivido.

Loureiro (2001) se refere a uma estética que vem da divagação, da reflexão, da internalização e da associação com tempos felizes, estados de espírito tranquilos. Em Sarubbi, essa estética o levou à criação de uma linguagem artística amazônica, bragantina e familiar, a uma percepção do mundo (estética amazônica) que deu forma a seus sentimentos revelando sua identidade cultural.

“A criança também está em contato com seus avós, e através deles é até um passado mais remoto que ela recua” (HALBWACHS, 2004, p. 69). Quando Valdir nasceu, seus avós já haviam morrido. Apesar disso, ele construiu um vínculo forte com o passado por intermédio das histórias que a tia Sabazinha contava. A tia assumiu o papel de ligá-lo ao passado, às histórias familiares e criar um

vínculo, não só entre Valdir e seu passado, mas entre todos os membros da família e sua história. Isso pode ser observado nas palavras de Valdir na carta que escreveu aos primos quando tia Sabazinha faleceu.

Ela deixou de ser apenas uma casa de morar para ser um símbolo. Símbolo de alguma coisa que marcou definitivamente a vida de todos nós, ou ao menos para aqueles que tiveram contato com essa mulher tão forte que foi a tia Sabazinha.¹¹⁰

A tia Sabazinha e a casa são dois símbolos intimamente significados. Ela fazia a ligação entre o passado e o artista dentro de um espaço simbólico que era a casa. Ela cultivou no espírito dos jovens a certeza de que eles eram parte de uma família que teve participação marcante na vida política e social da cidade. A casa, as brincadeiras, os primos, a tia Sabazinha, as histórias marcaram o espírito da criança e do jovem Valdir que um dia viveu alie construiu um vínculo forte entre o passado familiar, as memórias e a arte.

Sarubbi não pôde fugir à influência estética da casa construída por seu avô. Ele internalizou as imagens que o remetiam à infância e aos tempos felizes e engendrou-as em formas de arte para expressar suas saudades. Assim, as lembranças pessoais ou coletivas se transformaram nos fragmentos de memória e de afetividade que compõem seus trabalhos. – “É a nossa memória que faz com que façamos arte” (SARUBBI apud BITAR, 2002, p. 76).

Para mim o importante não é o engajamento do artista dentro de tendências ou movimentos específicos, mas uma visão aberta de que olha a obra de arte para apreciá-la naquilo que ele representa de sensível, seja sobre que forma for (BITAR, 2002, p. 74).

Acima de tudo, Sarubbi realizava arte por prazer, porque isso o deixava satisfeito e feliz, “Fazer arte me dá felicidade, depois é que vira quadro, galeria, prêmio” (BITAR, 2002, p. 72), sem se preocupar se isso traria reconhecimento, sem pensar nos direcionamentos estéticos ou “teorizações”.

Quando recuso um convite, sempre me dizem que estou perdendo uma chance única, mas acredito que o processo criativo é lento. Se você não está conseguindo, tem que dar uma volta, fazer capinha de fita, arrumar a estante (BITAR, 2002, p. 72).

Essa personalidade que tem por objetivo o autoconhecimento, a autorrealização, causa surpresa. Nos dias de hoje, o usual é a busca pela fama imediata, o reconhecimento pecuniário, acima de tudo. Como isso não estava no centro da vida de Sarubbi, pois o tempo de criação dele era diferente. Ele dava importância para a conexão consigo mesmo, daí o tempo de fazer “capinha de fita” e “arrumar a estante”, até que, com a mente bem relaxada, se fazia uma comunicação com seu eu interior: suas emoções, seus sentimentos, suas memórias.

As lembranças e os afetos materializados em símbolos da memória coletiva criaram um vínculo definitivo entre o artista e a cultura amazônica. Entretanto, o autor transcendeu o regional e se tornou um artista universal. Ao olhar para o quadro de Sarubbi e ver uma tanga de argila, ela deixa imediatamente de ser a imagem de um artefato utilitário para ser o símbolo de uma cultura, a cultura amazônica. Assim, ele evidencia suas origens sem o dizer de forma óbvia, mas num contexto estético ressignificado.

Sarubbi viveu intensamente a sua bragantidade, como se usa dizer em Bragança: no dia a dia da

cidade, nos medos e nas histórias de visagem, na associação que ele ajudou a fundar, nas guerras de pitomba depois do leilão e nas festas de São Benedito, etc. Tudo o que ele viveu em Bragança formou a base afetiva e cultural primeira em sua memória artesã. Mas, a necessidade de se expressar por meio da arte o fez alçar voos para longe de suas origens. Ele foi morar em São Paulo e viajou até outros estados, outros países e se tornou também um cidadão do mundo.

Dessa forma, ele traduziu suas reminiscências em arte com uma linguagem plenamente compreensível em Belém, em São Paulo, na Alemanha ou no Japão. Preso a essas memórias afetivas dos primeiros anos de vida e à bagagem cultural amazônica, transformou sua arte em obras de infinita elegância e beleza, “fruto de um conhecimento estético sem acasos, sedimentado na pesquisa, no talento, na disciplina e na paixão pela vida da „umidade“ amazônica” (BITAR, 2002, p. 15). As memórias de Sarubbi tecem para o mundo, uma arte amazônica e para a Amazônia, uma arte bragantina.

REFERÊNCIAS

- BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação da matéria. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- BACHELARD. **A poética do espaço**. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Coleção Os Pensadores)
- BARROS, José D'Assunção. História e memória – uma relação na confluência entre tempo e espaço. **Mouseion** – Revista do Museu e Arquivo Histórico La Salle, Centro Universitário La Salle (UNILASALLE), Canoas, RS, Brasil, nº 5, 2009;
- BITAR, Rosana. **Sarubbi**. Belém, 2002.
- BORDALLO DA SILVA, Armando. **Folclore Brasileiro na Amazônia**– s/d – inédito (Acervo da Família Bordallo da Silva).
- BORDALLO DA SILVA, Armando. **Contribuições ao estudo do folclore amazônico na Zona Bragantina**. 2. ed. Belém: Falangola, 1981.
- BORDALLO DA SILVA, Armando. **O Décimo Sexto Polo de Desenvolvimento da Amazônia** (impresso). Belém: Associação Comercial de Bragança, 1975.
- BORDALLO DA SILVA, Armando. **Aspectos antropológicos da alimentação na Amazônia**. Belém: Instituto de Antropologia e Etnologia do Para/MPEG, 1949.
- BORDALLO DA SILVA, Bolívar. **Cronologia Bragantina** – um capítulo na história da Amazônia, 1954 – inédito (Coleção Bordallo da Silva)
- GALVÃO, Eduardo. **Santos e visagens** - um estudo da vida religiosa de Itá, Amazonas. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955.
- GOMBRICH, E. H. **A história da arte**. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.
- LOUREIRO, João de Jesus Paes. **A Conversão Semiótica na Arte e na Cultura**. Edição Trilíngue. Belém: EDUFPA, 2007. p. 13.
- LOUREIRO. **Obras reunidas**: vol. Cultura Amazônica – uma poética do imaginário. São Paulo: Escrituras, 2001.
- LOUREIRO. **Obras reunidas**: vol. Cultura Amazônica – uma poética do imaginário. Belém: CEJUP, 1994.
- MEIHY, J. C. S. B.; HOLANDA, F. **História oral**: como fazer, como pensar. São Paulo: Editora

Contexto, 2007.

RICCOEUR, Paulo. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas-SP: UNICAMP, 2007.

ROSÁRIO, Ubiratan. **Saga do Caeté**. Belém: Cejup, 2000.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. São Paulo: Braziliense, 2012.

SMITH JR., Francisco Pereira. **A imigração espanhola na Amazônia**: as colônias agrícolas e o desenvolvimento socioeconômico no Nordeste Paraense (1890-1920). 2012. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido) - Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará, Belém, 2012.

VENÂNCIO, Giselle Martins. **A arte no tempo: por uma perspectiva sociocultural dos objetos artísticos**. Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. **FENIX** – Revista de História e Estudos Culturais, Belo Horizonte, v. 3, n. 4, out./nov./dez. 2006.

SITES

AGACHAMENTO – Site de Marina Marcondes Machado. **Pequeníssima homenagem a Gaston Bachelard**. 08.06.2011. Disponível em: <<http://agachamento.com/?p=227>>. Acesso em: 07 ago.2016.

ART-BONOBO. **Artistas brasileiros**. Valdir Sarubbi. Site oficial. Disponível em: <<http://www.art-bonobo.com/valdirsarubbi/>>. Acesso em: 18 abr. 2014.

APAP - Associação de Artistas Plásticos de São Paulo. **Associados**. Disponível em: <<http://www.apap.art.br/associados/322/romildo-paiva/>> Acesso em: 09 maio 2015.

ÁRVORES DO BRASIL. Informações e estudos sobre as árvores nativas brasileiras. **Palmeira tucum**. Disponível em: <<http://www.arvores.brasil.nom.br/new/palmeiratucum/index.htm>>. Acesso em: 01 fev. 2017.

BLOG DA SUBVERSOS. **Fátima Pinheiro entrevista Renato Rezende**. Disponível em: <<http://noseocorpo.files.wordpress.com/2013/10/fc3a1tima-pinheiro-entrevista-renato-rezende1.pdf>> Acesso em: 11 abr. 2014.

BLOG DENILSON D'ALMEIDA. **Televisinha**: A história da TV no Pará. Disponível em: <<http://blogdenilsondalmeida.blogspot.com.br/2011/09/televisinha-historia-da-tv-no-para.html>> Acesso em: 02 fev. 2017.

BLOG DE MONIKA VON KOSS – psicoterapeuta de abordagem energética transpessoal. **Desenvolver uma consciência holográfica**. Disponível em: < <http://monikavonkoss.com.br/expansao-consciente/desenvolver-uma-consci%C3%Aancia-hologr%C3%A1fica> > Acesso em: 18 abr. 2014.

BLOG DO NOBLAT. **Poema da Noite**: Ítaca – Konstantinos Kaváfis. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/pais/noblat/posts/2013/04/05/itaca-konstantinos-kavafis-492134.asp>> Acesso em: 28 abr. 2013.

BLOG SHEILA MANN. Disponível em: <<http://www.peaceonthetable.org/category/artes-plasticas>> Acesso em: 22 out. 2015.

CAIXA ECONÔMICA FEDERAL. **Imprensa**. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa8715/valdirsarubbihttp://www1.caixa.gov.br/imprensa/imprensa_release.asp?codigo=2401259> Acesso em: 03 nov. 2013.

CAMARA DOS DEPUTADOS. **Decreto nº 43.178, de 5 de fevereiro de 1958.** Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1950-1959/decreto-43178-5-fevereiro-1958-381950-publicacaooriginal-1-pe.html>> Acesso em: 22 out. 2013.

CENTRO NACIONAL DE FOLCLORE E CULTURA POPULAR. Museu. **Quem foi Edison**

Carneiro. Disponível em: <http://www.cnfcp.gov.br/interna.php?ID_Materia=162> Acesso em: 17 out. 2013.

CNPq – Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicação – PLATAFORMA LATTES. *Currículo Vitae* (diversos). Disponível em: <<http://www.cnpq.br/>> Acesso em: 01 fev. 2017.

COSACNAIFY (Editora). **Olívio Tavares de Araújo.** Disponível em: <<https://editora.cosacnaify.com.br/Autor/22/O1%C3%ADvio-Tavares-de-Ara%C3%BAjo.aspx>> Acesso em: 20 abr. 2014.

CPDOC - Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – Escola de Ciências Sociais da Fundação Getúlio Vargas. *BARATA, Magalhães.* Disponível em:

<<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/BARATA,%20Magalh%C3%A3es.pdf>> Acesso em: 02 fev. 2017.

CULTURA PARÁ. **Ruy Paranatinga Barata.** Biografia. Disponível em:

<<http://www.culturapara.art.br/Literatura/ruybarata/>> Acesso em: 01 fev. 2017.

DANIEL GISÉ. História em Quadrinhos, Ilustração, Design - Exposição Valdir Sarubbi (29.11.2010). Disponível em: <<http://danielgise.wordpress.com/2010/11/29/exposicao-valdir-sarubbi/>> Acesso em: 11 abr. 2014.

DICIONÁRIO DE ARTISTAS DO BRASIL. **Karman, Ernestina.** Disponível em:

<http://brasilartesenciclopedias.com.br/tablet/nacional/karman_ernestina.php> Acesso em: 11 abr. 2014.

DICIONÁRIO MICHAELLIS UOL. **Verbetes: Pretor** © 1998-2009 Editora Melhoramentos Ltda. © 2009 UOL. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/>> Acesso em: 13 jul. 2015.

EMPRESA FARMACÊUTICA PORTUGUESA MSD. **Insuficiência da válvula mitral.**

Disponível em: <<http://www.manualmerck.net/?id=45&cn=639>> Acesso em: 09 maio 2015.

ENCICLOPÉDIA ITAU CULTURAL. **Waldir Sarubbi.** Disponível em:

<http://www.itaucultural.org.br/aplicExternas/enciclopedia_IC/index.cfm?fuseaction=artistas_biografia&cd_verbete=3459&cd_item=33&cd_idioma=28555> Acesso em: 17 out. 2013.

ENCICLOPÉDIA ITAU CULTURAL. **Pessoas: Benedito Nunes.** Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa2845/benedito-nunes>> Acesso em: 01 fev. 2017.

ENCICLOPÉDIA ITAU CULTURAL. **Abstracionismo.** Disponível em:

<<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo347/abstracionismo>> Acesso em: 05 fev. 2017.

FAU/UFPA/ Gileno Müller Chaves. **Projeto Memória UNAMA.** Disponível em:

<<http://fauufpa.org/2010/09/12/gileno-muller-chaves-projeto-memoria-%E2%80%94-unama>> Acesso em: 11 abr. 2014.

GALERIA PONTES. **A força de uma ausência.** Por Renato Rezende. Disponível em:

<http://www.galeriapontes.com.br/valdir_sarubbi.html> Acesso em: 16 abr. 2014

HISTÓRIA DO CINEMA BRASILEIRO - Site de Difusão da História do Cinema Brasileira na Internet. **Fada Santoro.** Disponível em:

<<http://www.historiadocinemabrasileiro.com.br/fada-santoro/>> Acesso em: 01 fev. 2017.

INSTITUTO DE TECNOLOGIA DA UFPA. **Criação do curso de Arquitetura.** Disponível em: <http://www.itec.ufpa.br/index.php?option=com_content&view=article&id=292&Itemid=109> Acesso em: 10 nov. 2015.

JORNAL LIBERAL. Belém, 08.08.2005. *Dom Quixote veio de trem.* Maria Lúcia Medeiros. Disponível em: <http://noticias.orm.com.br/noticia.asp?id=95965&|texto+don+quixote+veio+de+trem#.Uwdwx_ldVu5> Acesso em: 29 set. 2014.

MONIKA VON KOSS – psicoterapeuta de abordagem energética transpessoal. *Desenvolver uma Consciência Holográfica.* Disponível em: <<http://www.monikavonkoss.com.br/expansao-consciente/desenvolver-uma-consci%C3%Aancia-hologr%C3%A1fica>> Acesso em: 18 abr. 2014.

REVISTA O CAIXOTE/Contos. *I'm in themood for love.* Maria Lúcia Medeiros. Disponível em: <http://www.oaixote.com.br/caixote18/18cx_contos_mlmedeiros.html> Acesso em: 16 dez. 2012.

REVISTA OPSIS, Catalão-GO, v.14, n. 2, p. 425-429, jul./dez. 2014. Artigo: Zygmunt **Bauman e o conceito de cultura.** Autor: Matheus Mesquita Pontes. Disponível em:

<https://www.revistas.ufg.br/Opsis/article/view/30731/18072#.WMoCuG_yvIU>. Acesso em: 16 mar. 2017.

SARAIVA/CONTEÚDO/Notícias. **Artista Plástico Valdir Sarubbi ganha exposição em São Paulo.** Por Andrea Silva. Disponível em: <<http://www.sarivaconteudo.com.br/Noticias/Post/42046>> Acesso em: 17 abr. 2014.

SESC – **O Que é o SESC.** Disponível em: <<http://www.sesc-pa.com.br/index.php?page=menu/principal/OQueEOSesc>> Acesso em: 01 fev. 2017.

UFPA 2.0. **Maria Anunciada Chaves.** Disponível em:

<<https://ufpadoisponzero.wordpress.com/2015/03/02/anunciada-a-historia-de-um-compromisso/>> Acesso em: 21 out. 2015.

UNIVATES. **Revista Cinelândia.** Disponível em: <<https://www.univates.br/biblioteca/museu-regional-do-livro/cinelandiaRevista%20a%20Cinel%C3%A2ndia>> Acesso em: 09 out. 2015.

XUMUCUÍS WORDPRESS. **Xumucuí de Valdir Sarubi.** Por Ramiro Quaresma. Disponível em: <<http://xumucuis.wordpress.com/2012/01/15/xumucuis-de-valdir-sarubi>> Acesso em: 15 dez. 2013.